

# Conceitos e valores

PROF. CORDELLA

José Eli da Veiga



Em vários tipos de diálogos, que vão de entrevistas a palestras ou aulas, continua muito frequente a solicitação de que o 'conceito de sustentabilidade' seja exposto. Situação que requer prévio esclarecimento sobre o que é 'conceito', seguido da sugestão de que o enunciado mais correto da pergunta seria 'o que é sustentabilidade'?

Por razões que só os estudiosos da linguagem poderão apontar, a palavra 'conceito' foi demasiadamente banalizada. Passou a ser usada como mero sinônimo de 'ideia' ou de 'noção'. Um problema que gera sérias dificuldades para seu uso em termos científicos ou filosóficos.

Nas ciências e na filosofia, os conceitos são poucos, para não dizer raros, pois sempre dependem de lentas fermentações em comunidades disciplinares. De-

pois de adotados, tendem a ser muito mais estáveis nas ciências exatas, com destaque para a matemática, do que nas ciências da vida, nas humanidades e na filosofia. Ainda assim, em nenhuma destas áreas do conhecimento, mesmo nas mais interdisciplinares, há proliferação de conceitos. Por mais criativos que sejam seus pesquisadores na invenção de neologismos, tais crias dependem de muita maturação e triagem coletivas até poderem ser considerados conceitos.

É o que confirma ensaio de primeira linha, altamente esclarecedor, recentemente publicado pela Editora Vozes: "O Uso dos Conceitos", do professor José d'Assunção Barros. O mínimo que se pode tirar de tal leitura é que, para uma palavra se tornar um conceito, é preciso que seu sentido seja, ao menos, razoavelmente consensual nas comunidades que dela se servem. Pode haver inúmeras interpretações teóricas divergentes sobre as forças de 'gravidade', mas todos os físicos entendem exatamente o mesmo, quando usam o vocábulo 'gravidade'.

O extremo oposto se dá com o substantivo 'sustentabilidade', oriundo da quarentona expressão 'desenvolvimento sustentável'. Quando esta veio a público, em 1980, no subtítulo de impor-

tante relatório estratégico da IUCN, havia intenso debate sobre a possibilidade de o 'desenvolvimento' ser um conceito, tendo por principal candidata a proposta de 'desenvolvimento como liberdade', do grande pensador Amartya Sen. Controvérsia que ficou extremamente confusa, quando tal candidato a conceito foi adjetivado por expressão que, até ali, só era usual entre engenheiros florestais e de pesca.

Foi em tal circunstância que o substantivo 'sustentabilidade' emergiu como um novo valor, à altura de outros, já legitimados, como, por exemplo, os da tríade da Revolução Francesa, Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Na contramão dos conceitos, são bem improváveis eventuais compreensões comuns sobre os valores. Tome-se, por exemplo, a ideia de felicidade. Chega a ser unânime o entendimento dos motivos que fazem infeliz quem é deixado por um ente querido, ou quem é atirado no desemprego. Mas isto não ensina ínfimo acordo sobre como entender a noção de felicidade.

É este tipo de contraste que impossibilita o surgimento de definições precisas para certas ideias, algo ignorado pelas inocentes queixas de que falta uma para 'sustentabilidade'.

Não levam em conta que se

está diante de novíssimo valor, que só começou a se firmar mais de meio século após a adoção, na ONU, da Declaração Universal dos Direitos Humanos, em 1948. Sem que tenha merecido destaque, seis meses depois da Rio-92, na conferência mundial sobre Direitos Humanos de Viena. Absurdo que, por incrível que pareça, só mudou, um pouco, há exatamente um mês, com a resolução 76/300, adotada por 161 países.

## Nada impede que o movimento na direção da sustentabilidade exija choques renovadores de destruição criativa

Sustentabilidade é o primeiro valor a dar atenção às futuras gerações. Isto é, a evocar a responsabilidade contemporânea pelas oportunidades, conjunto de possibilidades e direitos, que nossos trinetos e seus descendentes terão alguma chance de usufruir. Não há, portanto, resposta simples, direta e, muito menos, definitiva, para 'o que é sustentabilidade'? Por isto mesmo, é preciso tomar muito cuidado com abusos vulgares, cometidos em seu emprego.

Contudo, também não há co-

mo interditar sua apropriação em outras situações e, ainda menos, proibir o uso figurativo que já se consolidou: dizer que é sustentável o comportamento de uma organização, empresa ou indivíduo, quando seguem código ético de responsabilidade socioambiental. Ou que tal código foi respeitado na produção e comercialização de alguma mercadoria ou serviço.

Nada garante que tais condutas ou procedimentos sejam realmente sustentáveis, mas esta foi a imagem socialmente eleita para comunicar que se está a fazer sério esforço em tal direção.

No caso de organizações, particularmente de empresas, é fundamental entender que a sua durabilidade não é um requisito da sustentabilidade. Ao contrário da crença 'ESG', que se generaliza, pode ocorrer até o inverso. Nada impede que o movimento na direção da sustentabilidade exija choques renovadores de destruição criativa. Assim como nos ecossistemas, o que está em risco é a resiliência do conjunto, não a durabilidade específica de seus indivíduos, famílias, grupos, ou, mesmo, espécies.

José Eli da Veiga é professor sênior do Instituto de Estudos Avançados da USP: [www.zeeli.pro.br](http://www.zeeli.pro.br)

Iniciativas climáticas voluntárias podem distrair do que é de fato necessário. Por *Simon Mundy*

# Pegadas de carbono na direção errada

Você se lembra onde ouviu pela primeira vez a expressão "pegada de carbono"? Eu também não. Para muitos de nós, o termo foi introduzido em nosso subconsciente por uma campanha publicitária veiculada por dois anos iniciada em 2004 e financiada pela gigante petrolífera BP. "Mas o que é uma pegada de carbono?", diz um anúncio estampado com o logotipo do girassol verde e amarelo da companhia. "Toda pessoa no mundo tem uma".

Alguém pode se perguntar sobre o propósito de uma campanha tão cara. Civismo? Uma tentativa direta de vender uma imagem mais ecológica? Nenhum dos dois, segundo o destacado cientista climático americano Michael E. Mann, que vê os anúncios como parte de um esforço de deflexão "destinado a transferir a responsabilidade das corporações para os indivíduos". Em seu livro de 2021, "The New Climate War" ("A nova guerra do clima"), ele acusa as mensagens corporativas de ajudar a estabelecer "uma fixação na ação voluntária", minando o esforço por novas regulamentações e políticas de Estado duras, desde a precificação do carbono a restrições mais duras às emissões industriais, que poderiam fazer uma verdadeira diferença.

Lembrei-me do alerta de Mann durante um debate na BBC no mês passado entre os candidatos a primeiro-ministro do Reino Unido Liz Truss e Rishi Sunak. O mediador desperdiçou a oportunidade de questioná-los sobre suas propostas para enfrentar a crise climática, preferindo perguntar a eles: "Quais as três coisas que as pessoas deveriam mudar em suas vidas para ajudar a combater as mudanças climáticas mais rapidamente?".

Além de desviar todos do debate político sério, a obsessão com as pegadas pessoais de carbono tem sido, segundo Mann, uma benção para os oponentes de uma ação climática séria. Ela criou uma acusação abrangente de "hipocrisia" que eles podem usar para desqualificar qualquer argumento em favor de uma ação dessas, desde que a pessoa que a fizer viaje de avião. Essa lógica parece ter sido internalizada também pelo movimento ambiental. Prova disso são as críticas da Baronesa Jones de Moulsecoomb, do Partido Verde britânico, sobre a "hipocrisia" de Alok Sharma, presidente da cúpula do clima CoP-26 no ano passado, por suas muitas viagens de avião para



**Estamos treinando nossos filhos para enfrentar as mudanças climáticas principalmente através de mudanças nos hábitos pessoais de consumo, cujo impacto, sabem eles instintivamente, ficará muito aquém do que é necessário**

angariar apoio internacional antes da conferência.

Devo declarar interesse nesse debate, depois de ter sido acusado de hipocrisia por alguns leitores do meu recente livro sobre as mudanças climáticas, cujas pesquisas envolveram um grande número de voos. Mas a preocupação com as pegadas de carbono pessoais, afirmo eu, está levando a discussão sobre o clima para direções estranhas e, em alguns casos, perturbadoras.

Isso é mais evidente entre os jovens. Um estudo sobre a "ansiedade climática" entre 10.000 jovens de 16 a 25 anos em dez países, publicado pela "The Lancet" em dezembro, constatou que 39% hesitam em ter filhos em razão das mudanças climáticas.

Isso pode refletir o medo de trazer uma nova geração para um mundo de inundações e incêndios florestais. Mas também combina com a crescente popularidade de um argumento inquietante: o de que aqueles que se preocupam com o planeta deveriam evitar a procriação — já que como todos têm uma pegada de carbono, a melhor resposta ao problema seria ter menos vida humana. Esta é uma linha de pensamento

desoladora. Levada ao seu extremo lógico, ela poderia ser usada para justificar o eco-suicídio, ou o plano maluco do vilão vivido por Samuel L. Jackson no primeiro filme da série "Kingsman", de eliminar a maioria da humanidade para deter o aquecimento global.

Depois, há outros jovens que estão desistindo de fazer qualquer contribuição significativa para a luta climática. Cinquenta e cinco por cento dos jovens da pesquisa da "Lancet" disseram que as mudanças climáticas os fazem se sentir "impotentes". Mais ou menos a mesma proporção concordou com a afirmação "a humanidade está condenada".

Não é de admirar, uma vez que estamos treinando nossos filhos para enfrentar as mudanças climáticas principalmente através de mudanças nos hábitos pessoais de consumo, cujo impacto, sabem eles instintivamente, ficará muito aquém do que é necessário.

Também nas empresas temos visto um foco nas iniciativas climáticas voluntárias por meio de alianças do setor e a ascensão dos investimentos ESG (aqueles que levam em conta as questões ambiental, social e de governança). Seus defensores apontam, com

razão, que as empresas estão preenchendo uma lacuna deixada pelos governos e autoridades reguladoras, que têm sido lamentavelmente lentos em agir.

Mas os críticos afirmam que as empresas estão usando essas iniciativas voluntárias para reduzir a pressão por ações governamentais ambiciosas que possam ameaçar os seus lucros no curto prazo. Entre os críticos mais estridentes está Tariq Fancy, que abandonou no ano passado a chefia de um fundo de investimentos sustentáveis da gestora de ativos BlackRock. Ele me disse que grandes instituições financeiras estão usando o ESG como um "disfarce". "A última coisa que eles querem é lutar contra um argumento real baseado na economia, que diz que a resposta óbvia é a regulamentação".

Não há nada inerentemente errado com as tentativas voluntárias de reduzir as emissões. Mas seria horrível se essa agenda desviasse o progresso em direção a medidas políticas sérias que são a verdadeira chave para enfrentar essa crise. *(Tradução de Mário Zamarian)*

Simon Mundy é editor da newsletter Moral Money, do Financial Times, e autor do livro "Race for Tomorrow".